

---

---

## FORMAÇÃO INICIAL PARA A DOCÊNCIA: O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA VISÃO DE SEUS COORDENADORES

### INITIAL TRAINING FOR TEACHING: THE SUPERVISED CURRICULAR INTERNSHIP IN VISION OF THEIR COORDINATORS

Camila Rinaldi Bisconsini<sup>1</sup>, Patric Paludett Flores<sup>1</sup> e Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

---

#### RESUMO

A pesquisa teve por objetivo analisar a visão dos coordenadores de estágio sobre as ações que compõem o estágio curricular supervisionado em seus cursos. Caracteriza-se por ser qualitativa do tipo descritiva. Como instrumento para coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada. A análise dos dados se deu por meio da análise de conteúdo. Participaram seis coordenadores de estágio de seis licenciaturas de uma Instituição de Ensino Superior Pública no norte do Paraná. Apesar da multiplicidade de formas de organizar o estágio supervisionado, percebe-se um esforço dos coordenadores de estágio no sentido de, juntamente com os orientadores e demais docentes, minimizar as defasagens existentes no desenvolvimento do estágio.

**Palavras-chave:** Licenciatura. Formação inicial. Supervisão.

---

#### ABSTRACT

The research aimed to analyze the vision of internship coordinators on the actions that make up the supervised curricular internship. It is characterized for being the qualitative descriptive. For data collection we used the semi-structured interview. Data analysis was done through content analysis. Participants were six of six undergraduate internship coordinators of a public university. Despite the many way of organizing supervised curricular internship practice, we can see an effort internship coordinators of the effect, along with the supervisors and other teachers, reduce existing gaps in the development of internship.

**Keywords:** Graduation. Teaching career. Supervision.

---

#### Introdução

Conhecer o contexto escolar, bem como, toda a dinâmica que envolve este cenário, torna-se essencial para a atuação dos docentes de ensino superior que trabalham com a formação de professores. Graça<sup>1:45</sup> destaca que “Falar de educação ou falar de formação de professores é sempre, e mais uma, e outra vez, falar de crise e de mudança, de reforma, de inovação e de urgência, de projeto e de futuro”. As demandas sociais que se referem à formação docente incluem, entre outros elementos, a necessidade de se efetivar uma reestruturação nas metodologias do ensino universitário, fato que imprime novos desafios de trabalho aos docentes durante o processo formativo<sup>2</sup>.

Essas colocações dizem respeito aos docentes que atuam em cursos de licenciatura, os quais devem potencializar as ações curriculares que visam cumprir o compromisso da qualidade pedagógica adequada à formação inicial, visto que é nesse momento da formação que o futuro professor adquire os conhecimentos científicos e pedagógicos e as competências necessárias para enfrentar a carreira docente<sup>3</sup>.

Sobre essa questão, Anastasiou e Alves<sup>4:69</sup>, destacam:

Qual o objetivo do trabalho docente? Não se trata apenas de um conteúdo, mas de um processo que envolve um conjunto de pessoas na construção de saberes, seja por adoção, seja por contradição. [...] todo conteúdo possui em sua lógica interna uma forma que lhe é própria e que precisa ser captada e apropriada para sua efetiva compreensão (grifo do autor).

Para Tardif<sup>5</sup>, os conhecimentos profissionais devem ser modelados e voltados à solução de situações problemáticas concretas, sendo a graduação o momento em que os discentes têm a oportunidade de se aproximar da área de atuação pretendida. Assim, os estudantes precisam se envolver em atividades que promovam a interação entre os saberes próprios de sua futura profissão para poderem enfrentar possíveis problemas que venham a ocorrer nas ações cotidianas do trabalho, também buscando se capacitar para conhecer o campo profissional escolhido. De acordo com Almeida e Pimenta<sup>2:13</sup>, “[...] a interação com o contexto de atuação constitui elemento essencial ao processo de formação ao longo da carreira docente”.

No caso das licenciaturas, os discentes já entram na universidade com algumas concepções a respeito de seu futuro campo de trabalho. Queirós<sup>6:75</sup> afirma que “[...] a docência é a única profissão na qual o contexto profissional do formando lhe é totalmente familiar, uma vez que dele nunca saiu, ao existir uma mudança de papéis, há necessariamente uma mudança de perspectivas e de olhares sobre a profissão”. Entendemos que a universidade se constitui como o espaço em que os discentes adquirem saberes capazes de transformar determinadas práticas e saberes. Mais que isso, Almeida e Pimenta<sup>2:8</sup> assinalam que,

A universidade é uma instituição educativa cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, que se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão, ou seja, a produção do conhecimento a partir da problematização dos conhecimentos historicamente produzidos e de seus resultados na construção da sociedade humana e dos novos desafios e demandas que esta coloca. Esses desafios são produzidos e identificados inclusive nas análises que se realizam no processo de ensinar, na experimentação e na análise dos projetos de extensão, por meio das relações que são estabelecidas entre os sujeitos e os objetos de conhecimento.

Pensar a integração dos olhares e vivências das práticas e saberes docentes pode ser uma alternativa para uma formação que vai ao encontro do que se exige de um futuro profissional qualificado e mais integrado com as necessidades da educação básica. Tal integração diz respeito às ações dos envolvidos com o estágio curricular supervisionado (ECS) nas Instituições de Ensino Superior (IES), quais sejam, os próprios estagiários, os professores supervisores, os orientadores e os coordenadores de estágio.

Para esta pesquisa, optamos por compreender a percepção de um dos atores envolvidos com o ECS, os seus coordenadores. De acordo com a Resolução nº 009/2010 - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEP)<sup>7</sup> da universidade participante do estudo, o coordenador de estágio é o docente da IES com formação condizente e experiência na área de estágio. Algumas funções desse coordenador incluem a orientação dos estagiários sobre os procedimentos pedagógicos e regulamentares que devem ser adotados para o estágio, a manutenção do fluxo de informações relativas ao acompanhamento e desenvolvimento dos estágios em andamento e a garantia de um processo de avaliação continuada da atividade de estágio. Em pesquisa realizada por Cervi e Silva<sup>8:4104</sup>, as autoras esclarecem que o coordenador de estágio da instituição investigada por elas é responsável por:

[...] articular e coordenar o intercâmbio entre entidades e escolas de educação básica, para ampliação de campos e oportunidades para o desenvolvimento de projetos

integrados de estágio; coordenar e supervisionar de forma global, a execução do estágio curricular obrigatório, intermediando o contato entre unidades concedentes e a universidade; contatar, em conjunto com o professor de estágio, as instituições interessadas em se tornar unidades concedentes; avaliar, em conjunto com o professor de estágio, as condições de estágio das unidades concedentes; participar de discussões junto aos colegiados dos cursos de licenciatura, no que se refere ao estágio curricular obrigatório; coordenar grupos de trabalho de professores de estágio para propor projetos integrados e organizar reuniões periódicas com os professores de estágio para avaliação das atividades e socialização das experiências.

As mesmas autoras acreditam que trabalhar com o estágio nas licenciaturas é desafiador, pois há a aproximação com os problemas a serem enfrentados pelos estagiários, por outro lado, é possível fazer dessa fase da formação inicial uma oportunidade de encontrar possíveis soluções para as dificuldades desse processo.

Defendemos que o coordenador de estágio, por sua função de possibilitar a integração dos trabalhos na relação escola-universidade, pode fornecer informações importantes sobre os avanços das ações constituintes desse processo, bem como, as fragilidades que se apresentam nessa fase da formação. Os coordenadores devem estar em constante contato com os orientadores de estágio, com as escolas concedentes e com os próprios estagiários, assim, possuem uma visão geral administrativa e pedagógica das ações. Os relatos dos coordenadores de estágio podem levantar questões, que se problematizadas por pesquisas, podem fornecer indicativos de caminhos para valorizar o estágio curricular supervisionado no contexto da formação inicial de professores.

Recentemente, publicou-se a Resolução CNE/CES 2/2015<sup>9</sup>, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada em nível superior de profissionais do magistério para a Educação Básica. Em relação à Resolução CNE/CP 2/2002<sup>10</sup>, permanece a norma das 400 horas de estágio supervisionado, todavia, a partir de 2015 não se indica mais a necessidade do estágio ocorrer apenas a partir do início da segunda metade do curso.

Considerando a imprescindibilidade do ECS para a formação inicial docente e o envolvimento do coordenador de estágio com as ações desse processo, o objetivo da pesquisa foi analisar a visão dos coordenadores de estágio sobre as ações que compõem o estágio curricular supervisionado em seus cursos.

### **Procedimentos Metodológicos**

Optamos pela pesquisa qualitativa do tipo descritiva, pois essa permite a observação, o registro e a análise dos fenômenos sem a alteração dos dados, e ainda possibilita potencializar a tarefa de formulação do problema na tentativa de solução<sup>11</sup>. Esse tipo de pesquisa também permite que os resultados revelem possibilidades de avanços nas ações envolvidas com o contexto analisado.

Seis coordenadores de estágio integraram a pesquisa, um de cada curso de licenciatura: Ciências Biológicas, Educação Física, Geografia, História, Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, e Pedagogia. Estes sujeitos foram convidados a participar por possuírem ampla visão da organização e desenvolvimento do estágio em cada uma das áreas, especificamente na realidade da universidade pública investigada. Essas licenciaturas foram eleitas considerando o nível da educação básica em que os discentes cumprem o ECS, sendo que, em todos os cursos citados, a experiência com o estágio é desenvolvida nos ensinamentos fundamental e médio.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Segundo Haguette<sup>12</sup>, este instrumento segue as normas científicas ao buscar a objetividade no intuito de captar a real intenção da fala do entrevistado sem inclusões de outras fontes que não sejam a

do próprio participante. Dessa forma, o roteiro de entrevista foi formulado de modo a não haver interferência de opinião ou possíveis interpretações dos pesquisadores.

Os dados foram tratados a partir da metodologia de análise de conteúdo<sup>13</sup>. A análise de conteúdo permite a interpretação dos significados das diversas mensagens obtidas dos instrumentos de coleta de dados, as quais, por vezes, chegam aos pesquisadores de forma desorganizada, necessitando ser conferidas para facilitar o trabalho de compreensão e interpretação que busca essa metodologia de análise de dados<sup>14</sup>. As categorias de análise foram pensadas de acordo com o objetivo da pesquisa e compostas pelas unidades de significado que partiram das respostas dos coordenadores.

A pesquisa foi desenvolvida com o consentimento de todos os envolvidos, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e teve a aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da universidade partícipe, sob o Parecer nº 16.876.

## Resultados e Discussão

Destacamos que os agentes envolvidos com as ações do estágio supervisionado podem receber diferentes denominações por suas funções no processo, de acordo com a organização de cada curso de licenciatura. Assim, para identificar os participantes de nossa pesquisa, esclarecemos que na universidade investigada o coordenador de estágio é o docente designado pelo departamento de lotação do estágio; o estagiário é o discente regularmente matriculado e frequentando curso compatível com a área de estágio; o orientador é o docente da IES com formação condizente e experiência na área do estágio; e o professor supervisor é aquele que atua na escola, ele tem por função acompanhar e supervisionar o estagiário no campo de estágio<sup>7</sup>.

A apresentação dos resultados se dará por meio da exposição dos elementos relatados pelos coordenadores de estágio, acerca do desenvolvimento do ECS nas licenciaturas investigadas nesta pesquisa. Serão discutidas as categorias estudadas e os indicadores ressaltados pelos participantes, de modo a articular as informações e, a partir das relações percebidas, compreender a dinâmica do estágio na perspectiva dos responsáveis por coordená-lo em cursos de formação inicial de professores.

### Quadro 1. O estágio curricular supervisionado na visão dos coordenadores.

CATEGORIA	INDICADORES
Desenvolvimento das regências	<i>Individual</i>
	<i>Dupla</i>
Planejamento das regências	<i>Professor supervisor</i>
	<i>Professor orientador</i>
	<i>Estagiário</i>
Atuação do orientador	<i>Acompanhamento do planejamento</i>
	<i>Auxílio com os métodos de ensino e discussão</i>
	<i>Preparação dos estagiários para interagir com os alunos</i>
Contribuições das disciplinas	<i>Auxílio nas ações cotidianas do ECS</i>
	<i>Auxílio na futura prática profissional</i>
Acompanhamento nas escolas	<i>Professor da disciplina de ECS</i>
	<i>Professor orientador</i>
	<i>Pós-graduandos</i>
Avaliação das regências	<i>Professor orientador</i>
	<i>Professor supervisor</i>

Fonte: Os autores

### *Desenvolvimento das regências*

Em relação aos meios para desenvolvimento das ações durante as regências, os coordenadores de estágio afirmaram que as aulas são ministradas em *duplas* ou *individualmente*.

Os coordenadores que afirmaram ser o estágio realizado em duplas, justificaram essa organização pelo fato de o número de estagiários no curso ser alto, por isso não seria viável para o orientador de estágio visitar todas as escolas do campo de estágio. Como apontou um deles, “[...] eles desenvolvem os estágios em duplas, mesmo porque o número de alunos para cada professor é bem elevado, então não daria para esse professor supervisionar mais continuamente todos os alunos”. O fato de os estagiários desenvolverem suas regências em duplas pode significar a garantia de um apoio mútuo entre eles, já que, para “[...] passar de uma participação periférica para uma participação mais interna, mais ativa e mais autônoma”<sup>15</sup>, os estagiários precisam ter confiança em suas ações.

Já para a menor parte que declarou ocorrer de forma individual, não houve justificativa para isso, cumprindo lembrar que a questão não solicitava os motivos pela opção por uma ou outra forma de desenvolver as ações no estágio, mas é importante observar que, em sua futura atuação profissional, esses acadêmicos de cursos de licenciatura não poderão ministrar aulas com um companheiro. Isto leva a supor que aqueles que tiveram a oportunidade de realizar seus estágios individualmente podem ter adquirido uma experiência mais real junto ao seu campo de trabalho.

### *Planejamento das regências*

Quando questionados acerca de qual a pessoa responsável pela escolha dos conteúdos a serem trabalhados durante as regências do ECS, a maior parte dos coordenadores citou ser o *professor atuante na Educação Básica* (supervisor); mas outros afirmaram que os conteúdos são escolhidos pelo *professor supervisor em conjunto com o estagiário*; parte declarou ser *somente o estagiário*; e outros citaram que é o *professor orientador da universidade em conjunto com o professor supervisor*.

A justificativa prevalente entre aqueles que declararam ser o próprio professor atuante na educação básica (supervisor) o responsável pela escolha dos conteúdos a serem trabalhados durante as regências é a de que não é adequado interferir no planejamento anual do professor e, sendo assim, é preciso seguir os conteúdos já escolhidos por ele. Como afirmou um dos coordenadores, “[...] o professor já tem uma programação, então nós nos submetemos em grande parte a essa programação do professor, evitando inserir novos conteúdos, ou atrapalhar exatamente no plano de curso”.

Acreditamos que o professor da escola, denominado de supervisor, possui um papel fundamental na formação do estagiário, pois ele agrega saberes, competências e experiências relacionadas a um ambiente profissional e pessoal. Nesse sentido, a integração com esse profissional pode ser considerada uma maneira de se construir possibilidades para a formação de professores qualificados e articulados com a realidade da educação básica. Pensar nessa interação nos permite considerar que o espaço de trocas e aprendizagens, criado dentro da escola entre estagiários e professores supervisores, pode ser um fator primordial para a formação inicial e continuada de ambos.

No caso dos coordenadores que citaram o supervisor e o estagiário como responsáveis pelo planejamento, em ação conjunta, aparece a defesa de reconhecimento da realidade escolar:

A escolha do conteúdo geralmente é feita em comum acordo entre os estagiários e o professor da escola campo de estágio, professor da turma na escola campo de estágio. Então sempre a gente orienta os alunos a realizarem uma entrevista com o

diretor da escola pra ele conhecer a escola campo de estágio, que ele vai desenvolver o estágio, e com o professor da turma em que ele fará a regência. Então, durante essa entrevista que o aluno realiza com o professor, a gente pede pra ele identificar quais os conteúdos que eles vão trabalhar durante o período de estágio.

Acreditamos, nesse caso, que há o interesse do coordenador em oportunizar ao estagiário a aproximação com a organização administrativa e pedagógica da escola campo de estágio, o que pode enriquecer sobremaneira suas aulas, pois há o entendimento do espaço escolar em sua totalidade, evitando a visão do estágio como momentos pontuais de estar em sala e cumprir a tarefa de trabalhar com determinados conteúdos. Defendemos então, que a ação de ensinar implica que “as verdades resultem da imersão dos sujeitos no trato com a realidade”<sup>16:493</sup>.

Para além do aspecto supracitado envolvendo o estagiário e o professor supervisor, acreditamos ser de fundamental importância a troca de ideias sobre os conteúdos a serem trabalhados entre todos os envolvidos no processo de estágio (discente, supervisor, coordenador e orientador), e isso exige a participação coletiva destes sujeitos em prol da elaboração de um planejamento que aborde conteúdos necessários, especificamente, para as turmas que receberão os estagiários, pois, como afirmam Ayoub e Prado<sup>17</sup> em relação ao ECS, o entrosamento entre os sujeitos envolvidos no processo é fundamental para a concretização de práticas formativas significativas. Destarte, as tarefas inerentes ao estágio devem ser pensadas coletivamente para o bom desenvolvimento de suas ações, inclusive no que se refere à escolha dos conteúdos.

Em relação àqueles que citaram ser o estagiário único responsável pelo planejamento, temos como exemplo a seguinte fala: “Há professores de escolas que fazem os estagiários seguirem a programação ou o planejamento do seu colégio. Entretanto há outros professores que não o fazem, e deixam a cargo do estagiário [...] então a partir das diretrizes ele pode optar por um conteúdo ou outro durante o seu estágio”. Essa colocação indica que as orientações do planejamento podem ficar a cargo do professor da escola, de modo que este define se o estagiário terá a liberdade de escolher os conteúdos e as estratégias metodológicas - o que ocorreu no caso acima em destaque. Todavia, concordamos que o tempo de permanência do estagiário nas escolas não é suficiente para assumir a docência e encarar seus desafios<sup>18:410</sup>, sendo um destes, o planejamento das aulas. O estagiário precisa se deparar com a realidade da atuação docente, mas com acompanhamento do professor supervisor, que pode partilhar saberes de sua experiência.

Em relação ao planejamento das aulas, também há coordenadores que declararam existir um apoio duplo do professor orientador e do professor supervisor, como expressa a seguinte afirmação: “Qual foi o conteúdo que foi definido pra trabalhar com as crianças durante a semana de intervenção. Então na verdade essa definição é mais feita entre orientador e supervisor”. Considerando que os estágios nas licenciaturas ainda são frágeis, sem vínculo claro com as escolas, e tão pouco se explicita as formas de supervisão<sup>19</sup>, acreditamos que a ação próxima entre orientador e supervisor favorece o andamento do estágio, além de surgirem elementos da rotina escolar que podem ser percorridos durante o ensino na formação inicial e novas possibilidades para as aulas na educação básica. Ou seja, é uma oportunidade de criar um caminho de mão dupla entre os dois espaços de ensino, por meio de seus agentes, neste caso, supervisores e orientadores. Entendemos então, que o planejamento das aulas para o estágio é uma ação que, se realizada de maneira conjunta entre os atores envolvidos, pode oportunizar benefícios para a formação inicial em cursos de licenciatura.

Cabe aqui destacar a importância do planejamento, que de acordo com Padilha<sup>20</sup>, é uma ação inerente ao processo educativo por suas características básicas de desconsiderar o imprevisto, prever as tarefas, e nortear os passos da aula de forma propícia aos objetivos da mesma. Além disso, o autor destaca que é imprescindível socializar o ato de planejar na escola, de modo a envolver todos os professores nas discussões referentes às intenções da instituição e aos desejos almejados para os alunos alocados neste âmbito. Essa ação coletiva de planejar deve prever o acompanhamento e a avaliação, para verificar se o que foi previsto está sendo desenvolvido no dia a dia da escola, cativando os docentes e os alunos.

#### *Atuação do orientador*

Em relação à atuação do orientador sobre os conteúdos trabalhados pelo estagiário em suas regências, metade do grupo afirmou que essa atuação ocorre por meio do *acompanhamento do planejamento das aulas*, e outros afirmaram ser por meio do *auxílio com os métodos de ensino nas aulas*. Um professor citou que a atuação do orientador ocorre pela *preparação do estagiário para entrar em sala de aula* e lidar com a reação dos alunos diante do novo conteúdo.

De acordo com a Lei Federal 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes, a IES deve indicar os professores orientadores dentro da área em que será desenvolvido o estágio como os responsáveis pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário. Ademais, de acordo com o Artigo 12 da Resolução 009/2010 – CEP<sup>7</sup> da universidade pesquisada, uma das atribuições do orientador de estágio é elaborar o plano de atividades e de acompanhamento do estágio em conjunto com o estagiário e a unidade concedente (escola). Assim, a Resolução acima reforça a necessidade de ações conjuntas entre os sujeitos envolvidos no processo, além de apontar o orientador como um dos responsáveis pelo acompanhamento do planejamento e, conseqüentemente, pela revisão dos conteúdos a serem trabalhados nas regências.

Apesar da metade dos coordenadores afirmarem que os orientadores de estágio acompanham o planejamento, parte desses entrevistados aponta que não há revisão dos conteúdos quando estes são pensados pelos professores supervisores juntamente com o estagiário. Entendemos, então, que não há constância e padronização nas ações que dizem respeito ao planejamento dos conteúdos desenvolvidos durante as regências. As ações no estágio poderiam ser pensadas de forma mais coletiva e organizada entre cursos de licenciatura e entre estes e as escolas. Se há acompanhamento do planejamento das atividades a serem desenvolvidas, também deveria haver revisão dos conteúdos por parte do orientador de estágio, pensando nas funções deste. Em pesquisa realizada por Pires<sup>21:933</sup>, com o propósito de estudar a perspectiva do orientador sobre sua prática, a autora afirma que esse professor pode “favorecer ao futuro professor a compreensão da importância e da responsabilidade de se estar em uma sala de aula”. Ainda de acordo com a autora, o papel do orientador de estágio pode contribuir para a aproximação na relação teoria-prática.

Observamos que pouco ou nada acontece de interação entre as ações do orientador e do supervisor, o que demonstra haver um grande distanciamento entre ambos, com prejuízos pedagógicos formativos que poderão repercutir na futura atuação profissional desses estagiários. No estudo de Rodrigues e Kichow<sup>22</sup>, cujo objetivo era discutir o desenvolvimento das atividades de estágio curricular supervisionado no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados, os autores concluíram que o estágio supervisionado é o componente curricular com maior potencial catalisador na formação inicial, por isso as ações que o envolvem são complexas e dependem da articulação entre escola e universidade. É preciso haver efetivo vínculo entre a instituição de ensino superior e

a escola para que estas superem a relação meramente burocrática, de modo a propiciar uma ação pedagógica bem organizada.

Pela falta de contatos entre os cursos de licenciatura e as escolas, o momento que deveria ser de estimulação e desafio, com suporte, obviamente, acaba sendo relegado ao acaso e à sorte do discente em encontrar uma situação favorável em meio a tanto descompasso e falta de planejamento.

### *Contribuições das disciplinas*

Quando questionados sobre sua visão acerca das contribuições das disciplinas de cada curso para as ações do discente no ECS, metade dos coordenadores citou que essas contribuições se dão por meio do *auxílio nas ações cotidianas do estágio*, como afirma um dos entrevistados sobre as disciplinas do curso, citando que estas “[...] vão proporcionar muita segurança no conteúdo que eles estarão trabalhando”. Outra parte do grupo de coordenadores citou que as disciplinas podem *auxiliar na futura prática profissional dos discentes*. Sobre essa questão, um dos coordenadores assegurou que “[...] é o conteúdo que vai determinar exatamente como ele vai estabilizar a sua condição como professor da disciplina”.

As respostas se diferenciam quanto ao momento em que as disciplinas poderão contribuir com suas especificidades, pois parte dos entrevistados afirmou que esse apoio é oferecido ainda na graduação, e outra parcela garantiu que é na atuação docente que surge a oportunidade de se utilizar o que foi aprendido nas disciplinas durante o ensino. Apesar de as respostas se diferenciarem no que diz respeito ao período de apoio das disciplinas, é necessário destacar que é unânime a certeza da contribuição para o estágio, na visão dos coordenadores. Em relação ao assunto, o ECS deve estar articulado com os demais componente do curso, inclusive com suas disciplinas específicas, o que corrobora com a ideia de que todos os docentes dos cursos de formação de professores precisam sempre estar articulados com o contexto escolar (campo profissional dos discentes), fornecendo os conhecimentos de cada disciplina para a atuação na escola.

Os entrevistados afirmaram não perceber as relações estabelecidas pelos discentes entre os conteúdos mobilizados no ensino superior e as exigências próprias do estágio. Por outro lado, parte dos entrevistados apontou ter percebido, em encontros com os discentes, que estes buscam estabelecer relações entre o que é aprendido na graduação e as exigências do ECS. Fernandes e Almeida Júnior<sup>23</sup> afirmam que, ao entrar na universidade, os discentes aprendem que não é possível simplesmente copiar o que os outros escrevem. Os mesmos autores ainda apontam que é somente no confronto com a rotina escolar que verdadeiramente se provocam questões inerentes ao estágio, pois é neste momento que os discentes terão a oportunidade de vivenciar momentos específicos de sua profissão que, por vezes, não visualizavam nos conteúdos trabalhados durante a formação superior.

### *Acompanhamento nas escolas*

De acordo com grande parte dos coordenadores, ocorrem visitas às escolas campo de estágio, e o responsável por tal tarefa é o professor da disciplina de ECS. É preciso destacar que em parte dos cursos pesquisados, o próprio professor da disciplina de ECS também cumpre o papel de professor orientador, ou seja, neste caso não são designados para essa função professores que não têm envolvimento com o estágio em seus departamentos.

Alguns coordenadores afirmaram ser o orientador o responsável pelas visitas às regências dos estagiários e outros declararam serem os pós-graduandos que realizam as observações dos estágios obrigatórios, como exigência do estágio docente para mestrado e

doutorado. Neste caso, um mesmo coordenador respondeu que algumas vezes as visitas realizadas às escolas são feitas pelo professor orientador e outras vezes, pelo pós-graduando.

Destacamos aqui a importância das visitas realizadas às escolas campo de estágio pelo orientador, para que ele tenha possibilidade de analisar a postura do discente diante de uma sala de aula e discutir com este sobre as dificuldades encontradas e as possibilidades para superá-las. Além disso, existem outras possíveis consequências positivas dessas visitas, a saber: a aproximação entre a universidade e a escola por meio de discussões entre o orientador e o supervisor de estágio e a consequente troca de saberes entre ambos; o acréscimo de elementos da rotina escolar a favor do enriquecimento de conteúdos trabalhados por esse docente na graduação; a possibilidade de auxiliar o discente de forma mais profícua e próxima à realidade escolar, tanto por parte do orientador como por parte do supervisor; e a chance de coletar informações sobre as vivências dos sujeitos que ambientam a escola e de utilizar esses dados para promover discussões no ensino superior, favorecendo a preparação docente e contribuindo para as ações dos sujeitos que trabalham no ambiente escolar, desde que haja retorno a eles.

Todos os coordenadores entrevistados também afirmaram que o objetivo de realizar visitas aos discentes nas escolas que os recebem é supervisionar o estágio, ou seja, acompanhar de que forma as ações estão se desenvolvendo no decorrer desse período. Uma parte desses coordenadores citou que outro objetivo para as visitas é manter o contato com o professor atuante na educação básica (supervisor) que recebe os discentes. Em pesquisa realizada por Pimenta e Lima<sup>24</sup>, as autoras afirmam que os orientadores de estágio participantes apontaram a necessidade de um intercâmbio entre a universidade e as escolas campo de estágio, em busca da organização do ECS, pois essa ação possibilitaria as vivências e aprendizagens dos discentes no âmbito escolar, além de aproximar os professores que trabalham na escola e os que atuam em universidades, o que enriqueceria sobremaneira os trabalhos em ambos os campos de atuação docente.

#### *Avaliação das regências*

Sobre a forma como os orientadores avaliam as regências realizadas pelos discentes, todos os coordenadores afirmaram que o orientador avalia as aulas em relação aos seus *aspectos pedagógicos*, e destes, parte ainda apontou que os orientadores, além dos aspectos pedagógicos, cumprem também os *aspectos burocráticos* da avaliação. Cabe aqui destacar que as unidades de significado que compuseram a categoria “avaliação de cunho burocrático” incluem a assinatura de planos de aulas e a atribuição de notas para a realização de observações, participações e regências; e as unidades que completaram a categoria “avaliação de cunho pedagógico” abarcam a elaboração dos planos de aulas e o acompanhamento dos discentes durante suas regências.

Dando continuidade à questão anterior, a mesma pergunta sobre a avaliação foi feita novamente, mas agora em relação ao professor supervisor da escola, ou seja, de que forma este participa da avaliação das regências. De acordo com Montiel e Pereira<sup>25:426</sup>, “O termo *supervisão* refere-se a dirigir, orientar, inspecionar, o que ressalta a importância de um profissional com formação e experiência nesta área”. Acreditamos que o supervisor, ao acompanhar as regências, tem condições de informar o estagiário sobre as ações que deve manter ou corrigir durante sua prática na escola.

Quanto à função do professor supervisor na avaliação das regências, grande parte do grupo de coordenadores afirmou que durante as aulas dos estagiários eles avaliam *aspectos de cunho pedagógico* e a menor parte disse que avaliam *aspectos burocráticos*. Neste caso, as unidades de significado que compuseram a categoria “avaliação de cunho burocrático”

incluem a assinatura da ficha de controle e atribuição de nota para a presença dos estagiários na escola; e para a “avaliação de cunho pedagógico”, as unidades são a elaboração dos planos de aula e o acompanhamento das regências.

Os resultados referentes às formas de avaliação centram-se em aspectos pedagógicos, o que significa que orientadores e supervisores se preocupam com elementos que interferem diretamente na formação docente, pois implicam na aprendizagem dos discentes no que se refere às atividades e relações que serão constantes em sua rotina de trabalho, como a elaboração do planejamento anual e dos planos de aula, bem como, o domínio dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Contudo, percebemos que há um maior controle por parte dos professores da universidade em cumprir com os aspectos burocráticos, diferente dos professores supervisores, que buscam avaliar o estagiário frente à sala de aula (cunho pedagógico). Esse fato pode ocorrer porque o professor supervisor efetiva um maior acompanhamento do estagiário na escola, por ser este seu espaço de trabalho, ao contrário dos professores orientadores e coordenadores, que atuam na universidade.

### *Avaliação do estágio*

#### **Quadro 2.** Formas de avaliação do estágio curricular supervisionado.

Relatórios sobre as ações gerais do ECS
Seminários ao longo do ano
Ações exigidas no ECS
Elaboração de projetos relacionados ao ECS
Trabalhos dentro e fora da sala
Planejamento em outros ambientes de trabalho
Participação em eventos da área

Fonte: Os autores.

Quando questionados a respeito da forma de avaliação da disciplina de ECS, as respostas foram diversificadas, aparecendo mais de um formato de avaliação por professor coordenador. Parte dos entrevistados pontuou que se utiliza de *relatórios* feitos pelos discentes acerca das ações gerais do estágio, para avaliá-los. Outra parte do grupo declarou que os discentes apresentam *seminários* ao longo do ano, e essa é uma das avaliações. Poucos ainda afirmaram ser parte constitutiva da nota da disciplina de ECS as próprias ações do discente exigidas no estágio (*observação, participação e regência*); e o mesmo número de entrevistados acrescentou como formas de avaliação: a elaboração de *projeto* relacionado ao estágio; a elaboração de *trabalhos* dentro e fora de sala; a realização de *atividades planejadas* em outros ambientes educativos; e a participação em *eventos* da área.

De acordo com Queirós<sup>6:81</sup>, “O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação”. Em pesquisa realizada por Martiny e Gomes-da-Silva<sup>26:576</sup>, junto a estagiários de Educação Física, os autores apontam que a avaliação do estágio de forma geral “possibilita confrontar a realidade vivenciada com as experiências anteriores e as adquiridas/mobilizadas e com os saberes que procedem da formação inicial”.

Entendemos que a forma de avaliação não pode restringir-se a assinaturas em planos de aula por parte do orientador, coordenador de estágio e do professor supervisor, ou a visitas esporádicas e sem retorno aos discentes sobre a forma de desenvolvimento das aulas, pois se minimiza a oportunidade de aprimorar as regências no que se refere ao trato com os conteúdos e à relação com os alunos da turma. A avaliação pode incluir debates que envolvam estagiários, coordenadores, orientadores e supervisores, pois, apesar de se reconhecerem as dificuldades em reunir todos esses agentes, é importante destacar que os meios de avaliação

da disciplina de ECS devem ser diversificados e promotores de (re)significações em relação a esse elemento do projeto pedagógico dos cursos de licenciatura, o que pode contribuir para qualificar a formação de professores na universidade e para o acolhimento de estagiários nas escolas campo de estágio.

### **Considerações Finais**

A aproximação entre a universidade e a escola é fundamental para potencializar as ações no estágio, mas vale lembrar que a constante comunicação entre coordenadores de estágio de diferentes cursos de licenciatura também poderia contribuir para as intenções pedagógicas do processo, já que seria possível a troca de experiência no que se refere às diversas formas de desenvolver o estágio em cada curso, além de um auxílio mútuo nas decisões que se referem ao ECS.

Sobre a visão dos coordenadores acerca das ações vinculadas ao estágio, durante as entrevistas foi possível entender que organizar o estágio obrigatório em um curso de licenciatura não é uma tarefa simples, pois é necessário considerar o número total de estagiários e professores disponíveis para orientar esses discentes; a carga horária definida especificamente para o estágio obrigatório; as resoluções internas da instituição no tocante a essa etapa da formação; a disponibilidade e o número de escolas que recebem os discentes durante esse período; além de outros aspectos que envolvem a questão. Por exercer essas funções, esses profissionais foram convidados a participar da pesquisa, enriquecendo-a com suas considerações.

A universidade não pode ser a única responsável pela preparação dos futuros docentes, ao contrário, essa construção do ser professor é uma soma de ações que envolvem as decisões e experiências discentes, o apoio das escolas campo de estágio e as vivências e aprendizagens proporcionadas na graduação.

Entendemos que o processo de acompanhamento e, principalmente, de corresponsabilidade pelo estagiário se faz relevante e primordial por parte dos professores coordenadores, orientadores e supervisores. É importante que estes agentes se sintam parte da formação do futuro professor, na tentativa de realmente efetivar a interação entre universidade e escola, para assim, talvez, amenizar as lacunas na formação inicial de professores.

O estágio curricular supervisionado, como um momento de potencial contribuição para a formação inicial, deve continuar sendo investigado no intuito de enriquecer o processo para que a docência receba professores cada vez mais comprometidos com a educação e cientes de sua responsabilidade perante o ensino. A presente pesquisa apresentou indicativos sobre o andamento do ECS em uma universidade pública, na visão dos coordenadores que estão a frente das ações, mas estudos ainda podem ser realizados buscando analisar outros aspectos desse processo, em diferentes instituições de ensino superior e em outros cursos de formação de professores, almejando efervescer debates acerca da formação inicial docente, discussões estas, que nunca se findarão pela complexidade e importância dessa dinâmica social.

### **Referências**

1. Graça A. A construção da identidade profissional em tempos de incerteza. In: Batista P, Graça A, Queirós P, organizadores. O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física. Porto: Fadeup; 2014, cap.1, p.43-65.
2. Almeida MI, Pimenta SG. Pedagogia universitária: valorizando o ensino e a docência na universidade. Rev Port Educ 2014;27(2):7-31.

3. Carreiro Da Costa F. Formação de professores: objectivos, conteúdos e estratégias. Rev Educ Fis UEM 1994;5(1):26-39. DOI: /10.4025/reveducfisv5n1p26-39.
4. Anastasiou LGC, Alves LP, organizadores. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5.ed. Joinville: Univille; 2005.
5. Tardif M. Saberes docentes e formação profissional. 17.ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2014.
6. Queirós P. Da formação à profissão: o lugar do estágio profissional. In: Batista P, Graça A, Queirós P, organizadores. O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física. Porto: Fadeup; 2014, cap.1, p.67-83.
7. Universidade Estadual De Maringá. Conselho de Ensino e Pesquisa. Resolução nº 009, de 2010. Dispõe sobre o componente Estágio Curricular Supervisionado nos cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* da Universidade Estadual de Maringá e revoga a Resolução nº 027/2005-CEP. Maringá; 2010.
8. Cervi GM, SILVA VLSE. Coordenando os estágios nas licenciaturas da FURB: intervenções e contribuições. In: XVI Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Campinas; 2012, p.4102-4113.
9. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 1 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília (DF); 2015.
10. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília (DF); 2002.
11. Cervo AL, Bervian PA. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. 6.ed. São Paulo: Mcgraw-hill do Brasil; 2007.
12. Haguette TMF. Metodologias qualitativas na sociologia. 5.ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1997.
13. Bardin L. Análise de conteúdo. 3.ed. Lisboa: Edições 70; 2004.
14. Moraes R. Análise de conteúdo. Rev Educ 1999;22(37):7-32.
15. Batista P. O papel do estágio profissional na (re)construção da identidade profissional no contexto da Educação Física: cartografia de um projeto de investigação. In: Batista P, Graça A, Queirós P, organizadores. O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física. Porto: Fadeup; 2014, cap.1, p. 9-41.
16. Araujo ML. Formação de professores para a educação profissional e tecnológica e a necessária atitude docente integradora. In: XV Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte; 2010, p.479-496.
17. Ayoub E, Prado GDVT. Estágios curriculares na formação de professores de educação física: abordagens interdisciplinares. In: II Congresso Internacional de Formação Profissional em Educação Física e VI Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física. Florianópolis; 2012, p.1197-1211.
18. Marcon D. Construção do conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores de Educação Física. [Tese de Doutorado em Ciências do Desporto]. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Desporto; 2011.
19. Gatti B. Licenciaturas: crise sem mudança? In: XV Endipe - Encontro Nacional De Didática E Prática De Ensino. Belo Horizonte; 2010, p.485-508.

20. Padilha PR. Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola. 4.ed. São Paulo: Cortez; 2003.
21. Pires FCOE. O papel do professor orientador na efetivação do estágio: múltiplas visões. In: XVI Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Campinas; 2012, p.930-941.
22. Rodrigues RVR, Kichow IV. Os desafios e as possibilidades identificadas nas atividades de estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura em matemática da Universidade Federal da Grande Dourados. In: XVI Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Campinas; 2012, p.6792-6802.
23. Fernandes AP, Almeida Júnior AS. Aprendizagens no estágio supervisionado: produzindo novas formas e sentidos para os registros. In: II Congresso Internacional de Formação Profissional em Educação Física e VI Semana de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física. Florianópolis: 2012, p.1411-1419.
24. Pimenta SG, Lima MSL. Estágio e docência. São Paulo: Cortez; 2004.
25. Montiel FC, Pereira FM. Problemas evidenciados na operacionalização das 400 horas de estágio curricular supervisionado. Rev Educ Fis UEM 2011;22(3):421-432. Doi: 10.4025/reveducfis.v22i3.10391.
26. Martiny LEM, Gomes-Da-Silva PN. “O que eu transformaria? Muita coisa!”: os saberes e os não saberes docentes presentes no estágio supervisionado em Educação Física. Rev Educ Fis UEM 2011;22(4):569-581. Doi: 10.4025/reveducfis.v22i4.11277.

Recebido em 17/07/15.

Revisado em 01/10/15.

Aceito em 27/11/15.

---

**Autor para correspondência:** Camila Rinaldi Bisconsini. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL. Rua Professor Itamar Orlando Soares, 383, apto. 201, CEP: 87020-270, Maringá/PR, Brasil. E-mail: camibisconsini@gmail.com